

A VIOLÊNCIA CONTRA A ESCOLA: UMA BREVE ANÁLISE SÓCIO HISTÓRICA

Maria do Socorro Santos Ribeiro¹
Dra. Kilza Fernanda Moreira Viveiros²

RESUMO

O artigo apresenta uma análise sócio-histórica da violência contra as escolas, a partir dos ataques ocorridos no início de 2023, em que a internet e a mídia em geral apareciam como *locus* originadores e incentivadores desses eventos. O estudo procurou saber por que a escola vem sendo atacada e quais são os impactos dessa violência na dinâmica escolar de professores e alunos? A pesquisa bibliográfica e empírica se valeu de fontes, na literatura acadêmica, no Google Acadêmico, SciELO e bibliotecas físicas e virtuais, na mídia em geral, sites, blogs, revistas eletrônicas e de instrumentos como questionários com perguntas abertas dirigidas a professores. Os resultados indicaram que a violência contra escolas é um fenômeno sócio-histórico de alcance mundial, e no Brasil ocorre há cerca de vinte anos, com modulação diferente ao longo dessas duas décadas, porém com a internet e as redes sociais ganharam repercussão em maior escala, causando espanto e impactando a sociedade. A pesquisa revelou que a atribuição de suas causas a fatores, como a internet, as redes sociais ou a violência sofrida pelos agressores na escola reduz a extensão do fenômeno, pois resultam de transformações profundas na sociedade, incluindo o fracasso da educação, aumento da insensibilidade, depressão, fracasso e falta de perspectivas entre os jovens. Os professores reconhecem a escola como um ambiente controvertido, marcado por embates e frustrações, não só dos jovens, mas também dos próprios docentes que enfrentam condições de trabalho inadequadas e desrespeito por parte dos alunos. Por fim, pouco se sabe sobre a violência contra a escola, com reflexões ainda na superfície do problema.

Palavras-chave: Palavras-Chave: Escola, Violência escolar, Violência contra a Escola.

INTRODUÇÃO

Os ataques contra escolas no Brasil têm sido recorrentes nas últimas duas décadas, trazidos nos estudos de RISTUM (2010), MINHOTO (2023) e RELATÓRIO³ recentes destacando a gravidade do problema. Em abril de 2023, em um intervalo de apenas nove dias, ocorreram dois ataques graves: um homem invadiu uma creche em Blumenau-SC, matando quatro crianças e ferindo outras quatro, enquanto em

¹ - Doutoranda do Programa de Pós graduação em Educação -PPGED-pela UFRN. No ano de 2023, no de Curso de Pedagogia foi realizada uma pesquisa resultando em reflexões que foram consolidadas em um artigo de TCC e no projeto de Doutorado. Email: socorrogsr@gmail.com

² - Professora Doutora em História da Educação, vinculada ao departamento de Fundamentos Históricos e Filosóficos do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Email: kilza.fernanda@hotmail.com

³ - Relatório: O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil: ataques às escolas e alternativas para a ação governamental. https://ponte.org/wp-content/uploads/2022/12/Relatorio_ExtremismoDeDireitaAtaquesEscolasAlternativasParaAcaoGovernamental_RelatorioTransicao_2022_12_10.pdf

São Paulo, um garoto de 13 anos atacou a Escola Estadual Thomázia Montoro, resultando na morte da professora Elisabete Tenreiro e ferindo outras cinco pessoas.

Esses incidentes geraram um efeito "contágio", provocando ameaças e planos de ataques em outras regiões, como no Rio de Janeiro onde a tragédia da Escola Municipal Tasso da Silveira em Realengo, em 2011, ainda é lembrada⁴. No Rio Grande do Norte, principalmente na Capital⁵ a divulgação desses ataques intensificou o medo, levando muitas escolas a suspenderem as aulas e causando um impacto duradouro na frequência escolar⁶.

Entre 2002 e 2023, registraram-se 23 ataques a escolas no Brasil, com metade ocorrendo nos últimos anos, destacando a escalada da violência. Cada evento provoca indignação e reflexões sobre a necessidade de medidas mais seguras, como o aumento do policiamento, e estratégias para uma convivência mais disciplinada e amigável.

Diante desse cenário de violência extrema, este artigo busca entender por que as escolas estão sendo alvo de ataques e como isso afetou a dinâmica escolar, professores e alunos. A análise adota uma perspectiva sócio-histórica para identificar as origens dos ataques e possíveis fatores desencadeadores.

A pesquisa mostra que a violência externa e a violência escolar estão interconectadas, influenciadas pelas mudanças na sociedade globalizada. Além disso, propõe uma visão mais ampla e contextualizada, reduzindo a ênfase atribuída à internet e às mídias como principais causas dos ataques, e buscando uma compreensão mais profunda e abrangente do fenômeno.

REFERENCIAL TEÓRICO

Todo ato de violência indica uma maneira de resolver um conflito, utilizando força física ou psicológica para prejudicar o outro, com a expectativa de sucesso (LEME, 2004, p. 165). Derivada do latim "violentia," significando força, implicando múltiplos

⁴ - Diversos sites publicaram sobre o fato ocorrido um deles o G1- <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/04/03/ataque-a-escola-em-sp-completa-uma-semana-o-que-se-sabe-ate-agora-e-os-proximos-passos-da-investigacao.ghtml>

⁵- Materia: Adolescentes planejam ataques contra escolas no RN e são apreendidos pela polícia. novonoticias.com.br/adolescentes-planejam-ataques-contra-escolas-no-rn-e-sao-apreendidos-pela-policia/ acessado dia 20/05/2023.

⁶ -Informações obtidas da Coordenação pedagógica do Instituto Padre Miguelinho, onde auo como professora no nível médio que dois alunos, após dois meses passado os eventos não conseguiram retornar às aulas.

significados, incluindo o uso de força física ou intimidação moral para submeter alguém a alguma situação” (ROCHA, 2010, p. 64; Houaiss, 2001, p. 2866).

Como fato social (DURKHEIM, 2001), a violência é parte integrante da sociedade, influenciando comportamentos e relações. Historicamente, a violência sempre esteve presente nas interações sociais e pode ocorrer em diversos contextos, inclusive no espaço escolar (SANTOS, 2019).

Nesse sentido CELESTINO (2014) critica a superficialidade das reflexões históricas sobre violência por não ser capaz de esclarecer as origens dos comportamentos violentos, enquanto VÁZQUEZ (2007) observa que a violência emerge das lutas de interesses, sejam pessoais ou de classe, muitas vezes inconscientemente. Assim, ao longo dos processos históricos, as ações de violência foram classificadas e reguladas como possíveis punições e aplicação de diferentes formas de castigo, desde ações coercitivas do Estado até mecanismos mais sutis de integração social, como a religião e a arte (CELESTINO, 2014; BOURDIEU, 2010).

ROCHA (2010) cita Maffesoli, que vê a violência como parte da resistência social e potencialmente criativa, enquanto DURKHEIM (2010) a associa à anomia, um estado de ausência de normas. Simmel, por sua vez, interpreta a violência como forma de interação social e resolução de conflitos (ROCHA, 2010).

Na mesma linha de raciocínio vemos que RIFIOTIS (2011) e MINAYO(1994) a compreendem como um fenômeno dinâmico e inerente à vida em sociedade (MINAYO, 1994). destaca a violência como um problema social complexo, influenciado por desigualdades socioeconômicas, negligência do Estado e um sistema de justiça falho (RIFIOTIS, 2011)

A compreensão conceitual da violência permite olhar o fenômeno enraizado na sociedade brasileira, sob as ações caracterizadas como ataques contra a escola, o que exige também diferenciar conceitos atrelados ao campo da violência escolar, como “violência da escola e na escola”, o que rende inúmeros trabalhos acadêmicos que buscam compreender o fenômeno no interior da escola, produzidos pelos sujeitos inseridos nela e pelo própria dinâmica que a estrutura.(RIBEIRO, 2023) Parte-se portanto do entendimento de que a violência está enraizada na estrutura social de nossa sociedade, marcada pela escravidão e naturalizada nas relações sociais, refletindo desigualdades de classe e a violação de direitos (ADORNO, 1995; CELESTINO, 2014). E a escola como microcosmo social, não só reflete como tende a reproduzir a violência a macro realidade

social, por se caracterizar de formação paradoxal de socialização (KUENZER (2000); BOURDIEU (1975); FRIGOTTO (2010); GENTILI (1999).

PAULO FREIRE (2023, s/p) concebe a escola como um espaço amoroso e criativo, voltado para a troca e emancipação humana, reconhecendo portanto as contradições do sistema capitalista que a atravessam. FRIGOTTO (2010) como uma instituição que, historicamente, tem servido aos interesses do capital, promovendo a empregabilidade e a inserção no mercado, mas também alienando e expropriando saberes dos indivíduos. GENTILI (1999) afirma ser a escola é um ambiente ambíguo, que tanto forma e socializa os alunos quanto reproduz práticas violentas e impositivas, como a meritocracia e sistemas de avaliação padronizados que não consideram as diferenças socioeconômicas. KUENZER (2000), como um espaço de formação humana e construção de relações sociais dignas, que ressignifica conteúdos e promove a interação com a comunidade. BOURDIEU (1975) compreende como uma instituição que emerge das relações capitalistas de produção, funcionando como um espaço de reprodução social onde a classe dominante dissemina seus ideais e interesses.

Por fim, SÍSIFO (2009) destaca que a escola surgiu para "socializar" e "educar" a massa trabalhadora, formando cidadãos e trabalhadores disciplinados, mas também reflete as contradições e conflitos da sociedade capitalista.

Esses autores apresentam uma visão da escola como uma instituição historicamente inserida e moldada pelas relações de poder e interesses do sistema capitalista, desempenhando um papel contraditório de formação e reprodução social, cujo papel histórico no processo de educar é contraditório e construído socialmente em cada período histórico. É um reflexo das contradições e dilemas da sociedade, tanto em nível macro quanto micro. Ela não é uma entidade isolada, mas sim um produto da sociedade, vivendo e reproduzindo as suas tensões internas. A violência contra a escola, portanto, não vem apenas de fora dela, mas é gerada também dentro dela, devido às contradições sociais. Enquanto a escola cumpre a função civilizatória de formação humana, paradoxalmente, ela também produz e reflete as desigualdades estruturais e os valores da sociedade de classes, perpetuando conflitos e violência.

Nessa construção destacamos a visão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) sobre a escola não ser apenas um local para a socialização de conteúdo, mas também um ambiente para o desenvolvimento socioemocional, promovendo o diálogo e a solução não violenta de conflitos. A escola nunca será perfeita nem resolverá todos os problemas de violência sozinha, pois esses problemas são da sociedade como um

todo. Professores e gestores, como seres humanos com suas próprias contradições e dificuldades, não devem ser vistos como os únicos responsáveis por resolver esses problemas.

A situação atual da escola, com seus desafios e fragilidades, deve ser um ponto de reflexão para novas abordagens e entendimentos. A visão de BOURDIEU(1975) de habitus sugere que as ações e escolhas dos indivíduos são influenciadas pelas condições sociais e pela distribuição desigual de recursos materiais e simbólicos, reproduzindo relações de dominação.

METODOLOGIA

A pesquisa, de natureza bibliográfica e empírica (GIL, 2009), coletou dados em repositórios de bibliotecas, como a Zila Mamede da UFRN, no Google Acadêmico, em periódicos e artigos da Scielo, além de sites, blogs, matérias de jornais e revistas, e trabalhos sobre violência contra a escola. Foram utilizados termos como: violência, violência escolar, violência na escola e violência da escola. Constatou-se uma produção acadêmica significativa, incluindo monografias, artigos e ensaios sobre o tema violência escolar. Um questionário com perguntas abertas foi enviado via WhatsApp para grupos de professores de escola pública no município de Natal e Parnamirim, com formação desde o ensino médio até o doutorado. Oito respondentes contribuindo para a reflexão. As respostas foram anônimas, não identificando escolas ou professores, e não foram quantificadas por percentual ou qualquer tipo de classificação, por questões éticas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O breve panorama exposto na introdução acerca dos ataques contra escola a partir dos eventos ocorridos no início de março de 2023 tinha por finalidade compreender essa sucessão de eventos que impactou todos nós, principalmente entender as razões desses ataques, por quem era praticado e quais motivações movimam esse cenário.

A princípio, as fontes dessas ocorrências foram apresentadas pelas mídias, propagada pelas redes sociais que repercutiram os eventos na voz de entrevistados, pesquisadores, opinadores em geral, inclusive acadêmicos que na ocasião os corrigiam ao mundo das Deeweb, sendo permeados de ideias preconceituosas e

discursos de ódio e, facilmente, acessados por crianças e jovens que são cooptados e estimulados a incorporarem esses sentimentos e em decorrência praticarem ataques, agora contra instituições de ensino(VINHA, 2023). Segundo a pesquisadora, a motivação para esses ataques, ao longo dos anos tem mudado, assim como observou outros pesquisadores (VINHA, 2023); CELESTINO, 2014); RELATÓRIO, 2022); GHIRALDELI, 2023); (RISTUM, 2010); MINHOTO(2023);

Mapeamos os casos de violência caracterizada pelos ataques à escola como ações ocorridas e praticas por sujeito sociais numa faixa de 13 a 25 anos, contando essa forma de agressões à escola é uma modalidade de violência periódica que se tornou um problema a nível mundial, presente em diversos países como França, Canadá e nos Estados Unidos e neste país é visto como uma problema nacional (TAVARES DOS SANTOS, 2001).

A violência escolar não é exclusiva de países pobres e periféricos ou de escolas públicas, como demonstrado por Tavares dos Santos (2001). Desde a década de 80, essa questão tem se mundializado, sendo discutida nesses países, face ao crescente sentimento de insegurança nas escolas. Na França, a relação entre exclusão social e violência é evidente, onde a inserção no bairro e os laços sociais desempenham um papel crucial, com os alunos mais próximos de indivíduos violentos sendo os mais afetados (TAVARES DOS SANTOS, 2001, p.108). No Canadá e nos Estados Unidos, a violência nas escolas é influenciada pela diversidade étnica e cultural, refletindo os modelos culturais dessas sociedades. Nos EUA, esse problema é considerado um problema nacional, associado a mudanças nos padrões familiares e na vida comunitária, à falta de espaços para construir laços sociais e à ausência de associações, resultando em uma condição de "multidão". A sociedade americana também redefiniu a violência como algo aceitável, exacerbada pelo fácil acesso às armas (TAVARES DOS SANTOS, 2001, p.110).

No Brasil esses eventos se fazem presentes desde o ano 2000 segundo fontes trazidas pelo RELATÓRIO (2023); VINHA (2023). São ataques violentos, realizados por estudantes, com ou sem armas de fogo, que provocaram muitos mortos, além de profundos traumas, e uma sensação de insegurança na rotina e dinâmica da escola. A sequência de ataques às escolas no Brasil, coloca o país num hall de um dos países violentos, reiterando o processo sócio histórico de naturalização da violência como instrumento de condução de nossa sociedade, colonialista e escravocrata.

O referido Relatório apresenta um levantamento feito pelo Washington Post até maio de 2022. Os dados estarrecedores demonstram que nos EUA foram: 554 vítimas ao todo, 185 mortos e 369 feridos em ataques violentos a escolas; 331 escolas atacadas; em 2021, ocorreu o maior número de eventos, com 34 incidentes; 311 mil crianças em idade escolar nos EUA foram afetadas pelos tiroteios ou expostas a violência armada (RELATÓRIO, 2022, p.4)

No Brasil o registro desses segundo o já mencionado Relatório afirma que “ao todo, no Brasil, foram:16 ataques, dos quais 4 aconteceram no segundo semestre de 2022; 35 vítimas fatais; 72 feridos. O último levantamento, pesquisadora da Unicamp, demonstrou (VINHA, 2023 s/p):

Os ataques foram feitos a 12 escolas Estaduais, 17 escolas municipais e 4 escolas particulares. O número de mortes de estudantes foi 24, de professores 04, Profissionais de Educação 02. Quanto a idade dos agressores: menos idade de 10 anos; agressores mais Velho 25 anos; quanto a motivação para a prática do crime, a vingança, a raiva; Arma de Fogo: 12 usaram; 6 tinham arma em casa; 4 compraram de terceiro; 2 de origens desconhecidos; O que chama a atenção os agressores serem usuários da cultura extremista.

Os estudos acima relacionados apontam claramente a relação dessas ações de agressão desses dos jovens correlacionados ao passado de traumas, sofrimentos, frustrações acontecidos na escola. VINHA(2023) traça o perfil desses jovens, em sua maioria são predominantemente do sexo masculino, brancos, apreciam um gosto pela violência e o culto a armas; são expostos a Internet a conteúdos extremistas com discursos de ódio e são radicalizados em suas comportamento, se juntando numa espécie de comunidade para discutir os ataques, questões de violencias; são também estimulados a aprenderem a planejá-los (RIBEIRO, 2023, p. 22).

Apurando as características dos atos violentos e como eles emergem, vimos que, enquanto os conflitos nascidos no ambiente escolar podem surgir de uma discussão, de um desentendimento das relações, de atitudes preconceituosas, de bullying, envolvendo pessoas que convivem no mesmo ambiente, que se cruzam, podendo estar ou não na mesma sala de aula; os ataques contra a escola não emergem dos embates corpo a corpo das relações sociais. Os ataques são planejados por jovens que absorvem orientações de um “terrorismo escolástico” que os manipulam face a fragilidades acarretadas a situações a que foram expostos e voltam à escola motivados por vingança.

Para além desses aspectos VIVIANE MOSE(2023) ressalta o histórico de abandono a escola e de violência doméstica; da masculidade tóxica de misoginia, de

agressividade, de uma visão de que o mundo lhe deve alguma coisa, como o direito de serem bem sucedidos com as meninas; vagas nas universidades, pois se sentem ameaçados por grupos que são pela sociedade, a exemplo do feminismo e das cotas. “Um ódio generalizado, que é alimentado por esses grupos que funcionam como câmara de eco(VINHA, 2023, s/p)

GHIRALDELLI (2023), filósofo da Educação em ocasião do último ataque feito à escola Estadual de Ensino Fundamental Profa. Helena Kolody, na cidade de Cambé/PR, fez uma análise importante do que está acontecendo, o qual aponta para um profundo desajuste vivido pela juventude, que tanto é causa como efeito de muitos problemas. Destaca-se um crescimento da insensibilidade, da depressão, do fracasso e da falta de perspectivas. Para o filósofo o contexto sócio-histórico o qual esse jovens estão imersos, a internet apenas, é em parte responsável, não é pelo que se diz dela no senso comum, ou seja, a disseminação de ideias neonazistas por redes sociais.(...)“Não são os problemas das invasões, tiros e agressões nas escolas. (...)pois eleger a internet e rede social como bode expiatório é erro crasso”. (GHIRALDELLI,2023, p.s/p).

O mesmo autor destaca que os ataques em escolas motivaram uma reunião do governo, mas não resultaram em medidas positivas. Isso ocorre porque o governo e a mídia confundem as causas da violência escolar, atribuindo-a ao neonazismo ou bolsonarismo disseminados pelas redes sociais. No entanto, o nazismo original não precisou de mídia sofisticada para se espalhar. O autor sugere que a violência escolar e os ataques não devem ser vistos como terrorismo e que medidas repressivas propostas pelo governo não abordam corretamente o problema (GHIRALDELLI, 2023).

Djason B. Della CUNHA (2021) destaca, em "El fracaso de la educación en tiempo de Thanatos," a importância da educação na vida humana e a necessidade urgente de repensar as práticas educativas para enfrentar a violência e destruição. Ele argumenta que os modelos de ensino atuais estão esgotados e não conseguem ampliar a visão do sujeito contemporâneo.

Nossa reflexão também enfatiza que os jovens agressores são vítimas de um sistema de exclusão e não devem ser vistos como vilões sociais. A educação atual falha ao nivelar todos os alunos sem considerar suas necessidades específicas e contextos diversos. Isso contrasta com a visão que associa os ataques escolares à ideologia do ódio e teorias extremistas.

Concordamos que os ataques à escola resultam de um vácuo de precariedades gerado por uma educação deficiente, afetando toda a comunidade escolar, incluindo

professores, alunos e infraestrutura. FREITAS (2018) ressalta que a educação é crucial para a formação do sujeito, desempenhando um papel determinante na emancipação, formação e exercício da cidadania, permitindo aos alunos serem agentes autônomos e engajados na sociedade.

Os questionários respondidos pelos professores revelaram que eles reconhecem a escola como um ambiente controvertido, marcado por embates e frustrações, não só dos jovens, mas também dos próprios docentes que enfrentam condições de trabalho inadequadas e desrespeito por parte dos alunos. Uma professora destacou que sua função de educadora é frequentemente confundida com a de educadora doméstica. No entanto, eles também veem a escola como um ambiente potente, capaz de superar a violência tanto dentro quanto contra ela.

Embora alguns professores associem os ataques à cultura do ódio, a internet e as redes sociais não são vistas como as principais causas. Eles percebem a escola como um lugar de formação, encontro de pessoas, aprendizado, cidadania crítica, criação, arte e esportes, e identificam esses elementos como possíveis soluções para a crise. A escola também é um lugar onde se descarregam frustrações familiares e sociais, um espaço de tensões e conflitos que fazem parte da normalidade. Há discriminação, exclusão, bullying e brincadeiras de mau gosto que podem gerar revoltas. O caso de um jovem preso no Paraná após atacar a escola, que declarou sofrer bullying, ilustra essa realidade.

As condições psicológicas da comunidade escolar foram destacadas, incluindo a falta de incentivo à aprendizagem, casos de isolamento, surtos psicóticos, e mágoas entre alunos e professores. Relacionam essas questões ao baixo nível de educação dos alunos, à inércia da gestão em enfrentar problemas sociais e à sabotagem de esforços por uma educação de qualidade. A falta de estrutura e de investimentos em políticas públicas de combate à violência pode agravar ainda mais a situação. Esses aspectos reafirmam que as agressões contra a escola são manifestações de problemas internos, inerente a educação e sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência contra escolas é complexa, envolvendo fatores intra e extraescolares. Trata-se de uma modalidade de violência periódica que se tornou um problema nacional, com ataques violentos realizados por estudantes, causando mortes, traumas e insegurança.

A sequência de ataques no Brasil coloca o país entre os mais violentos, refletindo a naturalização da violência em uma sociedade colonialista e escravocrata.

A violência é vista como uma forma normal de interação social, não antissocial, e atribuir os ataques à internet, redes sociais e cultura do ódio simplifica a questão. O fenômeno exige uma análise que considere questões globais e locais. O ambiente escolar, historicamente seguro, tornou-se vulnerável. Professores reconhecem essa insegurança, que pode transformar discussões em traumas e vinganças.

A violência contra a escola e a violência escolar estão interconectadas. Jovens agressores frequentemente relatam sofrimentos e traumas internos, como bullying. A busca por culpados não resolve o problema; é necessário um olhar aprofundado sobre as questões no campo educacional. A escola deve criar um espaço de liberdade e criatividade, desempenhando um papel fundamental na formação dos sujeitos.

Expectativas educacionais frustradas, contaminadas por valores neoliberais, contribuem para a deterioração da escola e o acirramento das tensões. Medidas coercitivas ou preventivas só funcionam se forem integradas, envolvendo todos os agentes da educação. Câmeras de vigilância e policiamento são inúteis se a escola e a educação não forem centrais nas mudanças sociais.

A violência sempre estará presente nas relações humanas, mas deve ser mantida em níveis normais e toleráveis. Os ataques às escolas, apesar de incivilizados, alertam para a necessidade de repensar a educação e entender as transformações globais que afetam os jovens. Destacamos a complexidade do problema, a necessidade de uma abordagem abrangente e integrada, e a importância de entender o papel fundamental da escola na sociedade.

Concluimos que pouco se sabe sobre a violência contra a escola, com reflexões ainda na superfície do problema e investigações em fase inicial. A reflexão é pertinente, pois nos ajuda a conhecer melhor o fenômeno, preocupante no Brasil pela escalada com que vem acontecendo, afetando não apenas as escolas que sofrem as agressões, mas todas as outras

REFERÊNCIAS

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. CONSELHO PLENO.

Resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2017 (*Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular, a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica. Disponível em:

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_siste.pdf Acesso em: 01 jun. 2022.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico** / Pierre Bourdieu; tradução Fernando Tomaz (português de Portugal) – 13º ed-Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2010.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. **A reprodução**: A reprodução elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

CUNHA, Djason B. Della. (2021) El fracaso de la educación en tiempo de Thanatos. In: . Violência, Empatia Y Neurotec, Educação LX CICA y Jornadas Complutenses Internacionales 2021. (Org) Valentin Martinez-Otero Pérez;J. Martin Ramirez. Ed. Cátedra Global Nebrija Santander en Gestión de Riesgo y Conflictos.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo (SP):Martin laret, 2001.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. 4. ed. São Paulo: Martins fontes, 2010.

FREIRE, Paulo. A Escola, Nova Escola, N. 163, Jun-Jul,2003.

FREITAS, Mércio Douglas; ALMADA, José Alexandre Berto; SANTOS, Wanessa Djanis de Queiroz. Educação, Pobreza Social: Contribuições Metodológicas dos Jogos no processo de ensino-aprendizagem na escola municipal Leis Gomes de Oliveira, Serrinha dos Pintos-RN. In_. **Escola, Pobreza e Cidadania. Vol.II. Educação, Pobreza e Desigualdade Social**. Org.(Kilza Fernanda Moreira de Viveiros; Bruno de Oliveira Lima; Pedro Isaac Ximenes Lopes; Ideia,2018.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo real**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

GENTILI, Pablo. Escola e exclusão social. In: PESSINATTI, Nivaldo Luiz (org.). **A escola do novo milênio**. São Paulo: Salesianas, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Didática do ensino Superior**. São Paulo: Atlas, 2009.

GHIRALDELLI, Paulo. A Serpente que o Governo não Nota!
https://www.youtube.com/watch?v=rOg6nZm5LG4&ab_channel=Fil%C3%B3sofoPauloGhiraldelli. 19 de abr. de 2023 #pl2630nao #ghiraldelli #plfakenews.

HENRIQUE, Layane. Por que os casos de violência escolar têm aumentado?
<https://www.politize.com.br/violencia-escolar/atualizado>. 05.04.2023.

KUENZER, Acácia Zeneida. **Educação cidadã, trabalho e desemprego: o possível como caminho para a utopia**. 2000.

MINHOTO, Maria Angélica. “Ameaças de Violência na Educação”, promovido pelo SoU Ciência, pode ser assistida no site. O debate na Íntegra.
<https://www.youtube.com/watch?v=V6bLxU9pASI->

MINAYO, Maria Cecília de Souza. A violência Social sob a perspectiva da saúde pública. Cadernos de Saúde Pública (FIOCRUZ), Rio de Janeiro, V. X, n. 1, p. 7-18,1994

RIBEIRO, Maria do Socorro Santos. **A violência contra a escola : uma breve análise sócio histórica** / Maria do Socorro Santos Ribeiro. - 2023. 43 f.: il. color.

RELATÓRIO: O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil: ataques às escolas e alternativas para a ação governamental. https://ponte.org/wp-content/uploads/2022/12/Relatorio_ExtremismoDeDireitaAtaquesEscolasAlternativasParaAcaoGovernamental_RelatorioTransicao_2022_12_10.pdf

RISTUM, M. **Violência urbana: a avaliação de professoras sobre a atuação da escola. Psicologia Escolar e Educacional**, 6(2): 167-176, 2002.

RIFIOTIS, Theophilos. Nos campos da violência: diferença e positividade. Departamento de Antropologia Laboratório de Estudos das Violências (LEVIS) Universidade Federal de Santa Catarina.13/11/2006

SANTOS, Daihana Maria dos Costa. Revista Educação Pública - A escola que queremos em tempos de crises: reflexões a partir da pandemia. <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/32/a-escola-que-queremos-em-tempos-de-crisis-reflexoes-a-partir-da-pandemia>. ISSN: 1984-6290 Qualis B1 - avaliação CAPES 2020-2024 DOI: 10-18264/REP

SANTOS, Maria de Fatima Oliveira (1); LEAL, José André Matos (1); SOARES, Hércules Tobias de Alencar (2); RODRIGUES, Renan Clemente (3); OLIVEIRA, Rogério Paes de (Orientador) (5) Um contexto histórico: origem da escola e sua produção social (Universidade Regional do Cariri-Urca, V CONEDU – Congresso Nacional de Educação.

SANTOS, Sergivano Antônio dos. **Violência no espaço escolar: discurso, sujeito e as práticas em escolas públicas de Caruaru.** Dissertação (mestrado) – Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ, Recife, 2019.

TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias Universidade Federal do Rio Grande do Sul Educação e Pesquisa, São Paulo, v.27, n.1, p. 105-122, jan./jun. 2001.